

AOS INSTRUTORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Pelo Capitão
Inácio F. Rolim

QUANDO, na Idade Média, passou a instrução das mãos do clero para as de professores escolares, o ensino nas escolas de língua vernácula tinha uma forma rudimentar e servia às classes da sociedade a que era destinado; não exigia de quem aí ensinava sinão um preparo também rudimentar, e isso mesmo no sentido intelectual, porquanto, do tirocínio pedagógico, em absoluto não se cuidava. Os professores eram inteiramente improvisados. Muitos não eram profissionais, chegando até a causar-nos verdadeira surpresa as estranhas alianças que faziam da profissão ou ocupação que tinham com a de professor, como acontecia na escola de Burghdorf, em que Pestalozzi ensinou, e onde o professor era um sapatiteiro, que trabalhava em seu officio nas horas vagas que lhe deixavam as aulas. O velho mestre-escola e ainda professores relativamente novos eram incumbidos de instruir seus alunos. Instruir queria dizer: fazer com que se apossassem os alunos de uma série de conhecimentos e de técnicas considerados necessários, como base indispensável à vida, ou como cabedal a ser utilizado em estudos ulteriores. A princípio, sem nenhuma base psicológica e, depois, com rudimentos de psicologia mal ajustados aos fins pedagógicos a que se destinavam, ia o professor conduzindo seu ensino, sem conhecimento verdadeiro do aluno e sem levar-lhe em consideração a individualidade particular, antes procurando afiçoar toda classe a um padrão único, de acôrdo com as necessidades do ensino coletivo.

Ao professor se pedia que *ensinasse* e não que *educasse*: Sua função era, portanto, muito mais restrita. Quem realmente tinha o encargo de educar, isto é, de formar a personalidade integral do futuro homem, era a família. Desta e dá vida no mundo é que a criança, depois homem e cidadão, recebia seus verdadeiros ensinamentos de moral, de vida prática de ética social.

A educação escolar moderna, entretanto, sem substituir a família, ligase-lhe intimamente. Exende-se muito além das paredes da escola, entrossando-se na família e penetrando na sociedade. O que se faz na vida prática, o preparo do aluno para a luta pela vida são grandes preocupações do mestre atual. A vida social, o preparo para a vida em comum é a finalidade última do estorço do mestre. E tudo isto, sem esquecer o aluno, o indivíduo, as particularidades e os direitos do "eu" individual. Educar para a vida real: este é o problema. Porque a vida prática, bem encarada, não é sinão o exercício dos hábitos que obedecem e se exercem em vista das necessidades, de acôrdo com seu temperamento e com o meio em que se desenvolve. Para isto, será necessário visar os aspectos mais interessantes da vida nacional, conhecê-la, compreendê-la e interpretá-la pedagogicamente.

Quais de seus fenômenos são os que devem preocupar preferentemente o pedagogo? Qual é o mais importante para a vida prática: o desenvolver exclusivo da inteligência ou o regular dos órgãos vitais por excelência?

Que é, enfim, a vida do homem, quais devem ser as suas finalidades superiores, que meios e que forças o permitem cumprir mais vantajosamente os seus deveres sociais?

E' acaso a inteligência, a memória, a vontade, a força, a saúde, o cérebro ou o músculo, separadamente? Não será necessária a contribuição ou a conjugação harmônica de todos esses valores?

Como se obtém essa organização harmônica das funções que constituem a vida?

A primeira necessidade do homem é *viver* e a segunda é *educar-se*: e por isso, a Educação Física deve constituir a base do processo educacional da criança, do adolescente e do adulto, porque a vida superior que ela proporciona é a única compatível com as exigências da educação geral.

"As leis naturais regem a nossa evolução e é dever do educador ajustar-se a elas, porque a essência da educação consiste em auxiliar a natureza, orientando as suas forças para os fins a que se se destinam."

As leis da vida não se podem hurlar, elas trazem latente a reação imediata contra aqueles que pretendem violentá-las ou interpretá-las erradamente.

Para que o aluno possa tirar proveito dos ensinamentos do mestre, necessita desfrutar normal e plenamente a vida, que é um fenômeno fisiológico, e isso não é possível, si a educação física não intervir como agente *básico*.

A educação física, encarada como parte integrante da educação geral e como seu agente *básico*, põe em evidência o papel do instrutor, exigindo um conjunto de qualidades muito diversas e notáveis para o cumprimento da bela missão que lhe é confiada.

Infelizmente, ainda perdura na mentalidade de hoje a ideia de que, para exercer as complexas atribuições de *educador físico*, é somente necessário e suficiente ter uma aptidão física natural ou oriunda de uma atividade desportiva empírica e totalmente mal compreendida.

A maioria dos instrutores desta especialidade que ainda existe no Brasil, são antigos desportistas, alguns estrangeiros, sem ocupação nas suas patrias, ou inérricos ocupantes de empregos regularmente remunerados, para satisfazer o cumprimento de uma missão tão árdua, quanto cheia de grandes responsabilidades.

A ignorância, na sua forma destruidora, ultrapassa todos os limites e leva, criminosamente, indivíduos sem o mais insignificante conhecimento da máquina humana para a frente de numerosas criaturas, a fim de lhes ministrar a prática do trabalho físico.

A responsabilidade de tais crimes permanece à espera de que se coloque a Educação Física nos píncaros da maior necessidade nacional, para que então se compreenda o seu verdadeiro aspecto social, e que indivíduos física e mentalmente incapazes nada podem produzir para si, nem para a família, nem para a pátria.

Essa preparação física, sobre a qual repousam os destinos de nossa nacionalidade, exige, urgentemente, uma verda-

deira falange de educadores que estejam à altura da missão tão grandiosa, tão sublime, de modeladores, plasmadores das gerações do porvir.

Para avaliar o preparo que o instrutor precisa ter, basta lembrarmos-nos do que é exigido para o mestre da parte intelectual.

O bom instrutor deve possuir conhecimentos teóricos extensos, levando em conta que a pedagogia moderna assenta firmemente na psicologia, que a pedagogia moderna é pedagogia social. Por isso, não pôde ser instrutor ou professor quem não tiver sólido preparo psicológico e a psicologia é ciência que para nos mais altos graus do saber, exigindo uma série considerável de conhecimentos. Não pôde ser professor ou instrutor quem não conhecer e compreender perfeitamente os problemas sociais, o mecanismo social, a difícil técnica do viver em sociedade e trabalhar em cooperação — e isso exige preparação de alto quilate intelectual. O aspecto social importa em conhecimentos de sociologia e até de direito, que envolvem preparação ética superior, conhecimentos de ciências históricas e base filosófica acentuada.

São de importância magna extensos conhecimentos de anatomia e fisiologia aplicadas à Educação Física, de Biotologia, do mecanismo dos movimentos, da higiene na vida individual e coletiva; em uma palavra, convém conhecer o organismo humano e a maneira pela qual ele reage em presença do movimento, sob todas as suas formas, em presença do ar, da água, da luz.

A ausência destes conhecimentos indispensáveis tornam o instrutor medíocre, incapaz de modelar e aperfeiçoar o corpo humano.

Os conhecimentos teóricos devem ser duplamente ultrapassados pelas condições técnicas e práticas.

O instrutor completo deve ser também um ótimo executante.

Submetendo o seu próprio organismo à prática do trabalho físico, ele não só sentirá os efeitos, como apreciará os seus resultados. Ele experimentará as dificuldades de execução de certos exercícios e não exigirá, de seus alunos, esforços impossíveis e estóreis. Ele poderá, enfim, fazer seus ensinamentos pelo exemplo, meio de ação ou de persuasão incomparável em matéria de Educação Física.

Além destas imprescindíveis qualidades de saber, ainda carece de outras que o tornam um pedagogo e um mestre.

Para comunicar seu saber aos outros, para lhes impor suas convicções, precisa de qualidades diversas e difíceis de analisar: inteligência bem esclarecida, vontade firme, bom humor, afabilidade, doçura, prudência, paciência, perseverança, firmeza, segurança de julgamento, espírito de método e de previsão, noção nítida de justiça ou equidade; todas estas qualidades devem ser possuídas pelo bom pedagogo.

"O instrutor, como se vê, de acôrdo com esta concepção, deve ser mais do que um mestre, um despertador de interesses e de energia, um criador de alegria pelo trabalho, um estimulador

de atividades adormecidas, uma força viva, que domine os alunos, colaborando com êles, orientando as suas tendências pessoais, e tirando partido de seus próprios defeitos, para a expressão original do seu pensamento”.

“Todo instrutor, de acôrdo com os ideais da educação integral, é um educador; o instrutor que, dando sua lição, julgou concluída a sua tarefa, não é digno da profissão que exerce no interesse público. A êle, é que cabe contribuir para a educação moral e cívica, pelo exemplo constante e pelas oportu-

nidades que lhe dá o ensino a seu cargo. Não há matéria, não há atividade, não há solenidade que não dê ensejo a uma lição de moral ou de civismo. Inculcar no espírito do aluno a consciência do dever e da responsabilidade; formar-lhe o caráter; criar e desenvolver o espírito de brasilidade, despertar-lhe a consciência dos deveres de cidadão, não é, pelo seu alcance, tarefa de um ou vários mestres, mas de todo um corpo de professores, quer da parte de educação física, quer da parte de educação intelectual que, uni-

dos por ideal comum e empenhados, por um profundo sentimento cívico, devem tornar o cidadão capaz de amar a sua terra e revelar, como prova maior desse amor, o espírito de sacrificio, o desprendimento pessoal, a disciplina e o hábito do trabalho — em uma palavra: o cumprimento do dever”.

Assim convictos, sigamos, cheios de fé e ardor patriótico, estas palavras proféticas de Fernando de Azevedo, para que nelas inspirados, possamos um dia atingir o almejar constante de uma pátria melhor e mais feliz.